

Documentação
14/11/97
19

ESPAÇO ABERTO

JOÃO ALLIEVI

O ecoturismo veio para ficar

Recente estatística divulgada pela Organização Mundial do Turismo revela um fato constrangedor para nós. A imagem do Brasil lá fora está associada ao Rio, principal porta de entrada de estrangeiros. Violência, drogas e criminalidade não são definitivamente atrativos para turistas em busca do paraíso na Terra. Talvez por isso, em 1994, enquanto a Espanha recebeu 60 milhões de turistas, o Brasil tenha sido visitado por apenas 3,4 milhões de estrangeiros.

O turismo é uma excelente fonte de divisas e pode ajudar na solução de alguns de nossos problemas. Fixação do homem à terra, geração de empregos, capacitação profissional, valorização de nossa cultura e de nosso patrimônio histórico e cultural seriam consequências favoráveis ao desenvolvimento de nosso potencial.

Hoje, o turista está preocupado com o mundo em que vive e com o que ainda há de

belo nele. Aumento do buraco na camada de ozônio, destruição de florestas, poluição do ar e melhoria na qualidade de vida são preocupações do viajante contemporâneo.

O ecoturismo é, hoje em dia, o ramo turístico que mais cresce no mundo. E, para quem pensa tratar-se de moda passageira, um aviso: o ecoturismo veio para ficar.

O homem moderno está à procura do que é diferente. Sai a piscina cheia de cloro, entra a cachoeira no meio da serra; saem conservantes, oxidantes e estabilizantes, entra aquela comidinha caseira feita no fogão a lenha; saem áreas para fumantes e entra o ar puro da floresta.

Num futuro não muito distante, o Brasil vai perceber que a indústria do turismo — mais exatamente, o ecoturismo — será uma opção econômica viável e segura. Todas essas mudanças apontam numa só direção: o turismo não é só aquilo que se faz quando se tira férias. É também uma oportunidade de o homem interagir com o planeta que habita.

Pesquisa feita na Amazônia revela que o turista do futuro não se importará em pagar 10% a mais por um pacote que apresente preocupação

com o equilíbrio ecológico.

Essa preocupação não se restringe unicamente ao meio ambiente. Abrange também os aspectos social, histórico e cultural do lugar. Ainda recentemente, durante a realização das Oficinas de Capacitação em Ecoturismo do Senac e da Fundação Florestal e Conservation International, ouvimos o consultor canadense James MacGregor dizer: "Está chegando a hora em que não será mais do nosso interesse mudar totalmente os destinos turísticos, simplesmente para satisfazer as expectativas dos visitantes em potencial". Mais: "Será melhor estimular os visitantes a se adaptar aos lugares".

No Brasil, ainda pouco se explora este segmento. Amazônia, Pantanal e regiões de mata atlântica são os nossos principais destinos ecoturísticos. Dentre esses ecossistemas, o das florestas úmidas, que cobrem nossas encostas

atlânticas, está merecendo especial atenção. O projeto do Pólo Ecoturístico do Lagamar surgiu em 1995 e vem sendo desenvolvido pela Fundação SOS Mata Atlântica, nos municípios paulistas de Pariquera-Açu, Ilha Comprida, Iguape e Cananéia (estuário lagunar Iguape-Paranaguá).

A idéia de se desenvolver um projeto de ecoturismo na região surgiu com fortes argumentos: a) proximidade da capital de São Paulo, principal ponto emissivo nacional; b) grandes áreas legalmente protegidas, abrangendo dezenas de Unidades de Conservação (parques, estações, reservas etc); c) necessidade de se oferecer aos moradores da região uma alternativa de desenvolvimento econômico, calcado na utilização racional dos recursos naturais, históricos e culturais lá existentes.

E, já que o foco está no cliente, nada mais importante do que garantir ao turista, além de um ambiente natural conservado, bons serviços, bons hotéis e boa comida. Pensando em preparar profissionalmente parcei-

ros, um convênio entre o SOS Mata Atlântica e a Embratur, firmado em agosto último, viabilizou uma série de cursos, simpósios e eventos dirigidos a agências de viagens, hotéis, transportadores regionais, guias e monitores.

Para a garantia dos objetivos do projeto, a Fundação SOS Mata Atlântica vai receber de cada ecoturista que visitar o Lagamar uma colaboração: a taxa ambiental de R\$ 5,00. Esse dinheiro será integralmente reinvestido no projeto, dando ao ecoturista a certeza de que é possível conhecer e visitar a natureza sem que isso signifique a destruição das florestas, o extermínio da fauna, o aniquilamento das culturas e de nossa história.

Segmento é o que mais cresce na indústria do turismo no mundo inteiro

■ João Allievi é diretor de Recursos Humanos do Instituto de Ecoturismo do Brasil, professor de pós-graduação em Turismo Ambiental e Planejamento Turístico do Senac/SP, agente de viagens e consultor de meio ambiente e ecoturismo.